

24h*

O MAIS ANTIGO TERREIRO IJEXÁ DO BRASIL AGORA É PATRIMÔNIO CULTURAL DE SALVADOR

FOTOS: BETTO JR.



Cerca de 60 pessoas acompanharam o ritual de reconhecimento do terreiro: canto para Logun Ede, um dos orixás patronos do local

TERREIROS
TOMBADOS EM
SALVADOR**Casa Branca** Av. Vasco da Gama**Axé Opô Afonjá** São Gonçalo do Retiro**Ile Iyá Omim Axé Iyamassé** Federação**Alaketo, Ile Maroia Láji** Matatu**Ile Ache Iba Ogum** Vale da Muriçoca**Bate-Folha** Mata Escura**Tumba Junsara** Engenho Velho de Brotas**Ile Axé Oxumaré** Federação**Pilão de Prata** Boca do Rio**Ile Asipa** Piatã**Hunkpame Savalu Vodun Zo Kwe, ou Vodun Zô** Liberdade

Dia histórico

As últimas palavras de Mãe Estelita de Oyá foram um canto para Ogum. Na noite do dia 10 de junho de 2016, no barracão do Ile Asé Kalé Bokun, a senhora de 97 anos estava agarrada aos documentos que davam início ao processo de tombamento do terreiro. No dia seguinte, como se esperasse apenas ter segurado aqueles papéis, descansou, sem ver o sonho de uma vida realizado.

Finalmente, ontem, o orixá das lutas e conquistas reconheceu a batalha. O mais antigo terreiro ijexá do Brasil agora é patrimônio de Salvador. O pedido do tombamento da Casa, na Rua Antônio Balbino, em Plataforma, era um antigo desejo de Mãe Estelita e seus filhos.

A cidade de Salvador passou a reconhecer bens materiais e imateriais como patrimônio a partir de 2014. Desde então, havia apenas um terreiro tombado, o Hunkpame Savalu Vodun Zo Kwe, ou Vodun Zô, na Liberdade.

“Os estudos sempre privilegiaram os candomblés do centro. Mas os ijexás tiveram e têm papel fundamental na manutenção e preservação da religião. Quero saudar a todos!”, discursou o antropólogo Wilson Caetano, emo-



O vice-prefeito Bruno Reis observa a mãe de santo Vânia Amaral

cionado. O barracão, lotado por aproximadamente 60 pessoas, comemorava o tão esperado reconhecimento.

O vice-prefeito Bruno Reis prometeu avançar ainda mais, “porque Salvador jamais permitirá intolerância”.

“O que marca, para mim, como religioso, é como o orixá fez o objetivo ser alcançado. Sentimos a presença de Oyá (lansã) hoje (ontem). Era um sonho”, falou o presidente da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia (AFA), Leonel Matos, um dos

participantes da cerimônia.

Também estiveram presentes a atual ialorixá Vânia Amaral e o presidente da Fundação Gregório de Matos, Fernando Guerreiro.

O antropólogo Wilson Caetano deixou para trás a porta azul do Kalé Bokun apenas com uma certidão de nascimento abarrotada e os depoimentos dos filhos da casa. De bibliotecas a arquivos públicos, transformou em nada em material suficiente para provar à Fundação Gregório de Matos: o terreiro merecia e precisava ser tombado pelo município.

A espera foi de quase 10 anos enquanto os membros esperaram o reconhecimento do terreiro junto ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Mas nunca tinham conseguido levantar as informações necessárias ao tombamento.

O reconhecimento terá suporte de ações de preservação. Não há, no momento, nenhum outro terreiro à espera de tombamento municipal, embora os pedidos possam ser enviados diretamente à fundação. “É importante preservar contra a intolerância e contra a especulação. Também há a questão das plantas centenárias, que cor-

riam risco de desaparecer”, argumentou Guerreiro.

Sem o Ile Asé Kalé Bokun, e a força do Ijexá, o candomblé talvez não tivesse conseguido resistir à intolerância que proibiu, por séculos, os rituais da religião.

O xequerê, instrumento de percussão utilizado nos rituais do candomblé, era tocado baixinho. Conforme endurecia a perseguição à religião, os terreiros abaixavam o volume. Uma equação de sobrevivência. Assim, os adeptos do Candomblé Ijexá conseguiram resistir à violência e manter viva a ancestralidade.

A mãe de santo Vânia Amaral, 50, jamais imaginou ser mãe de tantos filhos. A ligação da família com o candomblé a levou ainda bastante jovem para o Ile Asé Kalé Bokun. Ali cresceu, conheceu irmãs de santo e aprendeu com a tia de sangue, a última ialorixá da Casa, Estelita, muito sobre a religião.

Engravidou, aos 24 anos, e os orixás a chamaram. Precisou ser iniciada definitivamente em estágio avançado da gravidez, por ordem do inexplicável. Cabeça feita, seguiu quase imediatamente para o hospital, onde a filha Vanessa nasceu. A menina já nasceu Iaô, iniciada no candomblé. É uma situação rara e especial na religião. “Eu ter me iniciado grávida me fortaleceu demais”, disse ela.

FERNANDA LIMA, COM SUPERVISÃO DA EDITORA MARIANA RIOS

“É importante preservar contra a intolerância e contra a especulação”
Fernando Guerreiro

Presidente da Fundação Gregório de Matos, órgão ligado à prefeitura de Salvador